

**CINEMA E FORMAÇÃO: DUAS LÍNGUAS, UMA LINGUAGEM — ENTREVISTA COM EMANUELA MANCINO**

**Sílvia Nogueira Chaves<sup>1</sup>**  
schaves@ufpa.br

Conheci Emanuela Mancino por ocasião do III Congresso Internacional sobre Pesquisa (Auto)Biográfica – CIPA, ocorrido em 2008, na cidade de Natal/RN. Por uma coincidência que a vida não explica, mas promove, conheci incidentalmente seu trabalho durante uma sessão de comunicação de pesquisas do evento. Digo incidentalmente porque eu houvera escolhido assistir aquela sessão somente porque nela uma ex-orientanda apresentava trabalho e resolvi prestigiá-la. Nenhum dos trabalhos discutidos naquela ocasião revelava em seus títulos qualquer aproximação com investigações que vinha desenvolvendo, entrelaçando as temáticas autobiografia, cinema e formação. Somente ao ouvir a exposição de Emanuela é que me dei conta da feliz coincidência de que de lados opostos do Atlântico interessávamo-nos e realizávamos ações acadêmicas muito semelhantes. Outras semelhanças foram descobertas após a intensificação do contato acadêmico. O conhecimento da língua portuguesa e o gosto pela poesia de Fernando Pessoa arremataram a afinidade acadêmica.

A entrevista ora apresentada ocorreu em Milão, no finalzinho do frio de outono de 2011, no gabinete da Dra. Emanuela Mancino, que ocupa uma cadeira de Pesquisadora na Faculdade de Ciência da Formação, na Universidade de Estudos de Milão Bicocca. Para homenagear a linguagem que aproxima nossos trabalhos, isto é, o cinema, inspiramo-nos na película *Um filme falado*, do diretor português Manoel de Oliveira, e realizamos uma entrevista bilíngue, na qual cada uma falou em sua língua pátria. Assim, as questões foram formuladas em Português e as respostas em Italiano.

Para nós, foi uma experiência rica, alegre, agradável. Desejo que, ao ler, desfrutem do mesmo prazer que tivemos ao fazê-la.

**Sílvia Chaves** - Gostaria de iniciar a entrevista pedindo para a Doutora Emanuela Mancino falar um pouco de sua trajetória de formação e de como chegou aos temas autobiografia, cinema e formação.

**Emanuela Mancino** - A minha formação é muito clássica. Sou diplomada em liceu clássico, estudei a literatura greco-latina, língua greco-latina, literatura italiana e depois (no Ensino Superior) me inscrevi

em Letras Modernas, onde, depois segui, sobretudo, o caminho pedagógico. Mas, sendo laureada em letras dediquei, principalmente, muita atenção à literatura. Tive a oportunidade de desenvolver um período de estudos no Programa Erasmus<sup>2</sup>, em Portugal, em que aprofundei estudos sobre o poeta Fernando Pessoa, e, naquela ocasião, aprendi o português. Na minha tese de Laurea, envolvi-me com a educação de adultos, a pesquisa autobiográfica - a possibilidade da escritura como expressão de si - e a heteronomia de Pessoa como possibilidade de multiplicação da experiência de si através da escritura. Sucessivamente, fiz o doutorado em Bologna, em Ciências da Formação, dedicando minha atenção ao cinema como possibilidade de formação. A ligação que há entre o meu percurso de formação, que parece diversificado, na realidade existe. A minha atenção sempre foi muito permeada pela expressividade. Seja pela escritura como possibilidade de expressão de si e como visibilidade de uma parte de si, seja pelo cinema como visibilidade de um pensamento em processo. Então me dediquei ao cinema depois de haver transitado através da escritura e da poesia, porque o cinema é um instrumento que facilita muito agir e refletir sobre o próprio mecanismo de montagem e desmontagem do pensamento. Como na escritura autobiográfica, [em que] há (em sua metodologia) uma possibilidade de mostrar como o sujeito está construindo, através de qual esquema cognitivo, modalidade de pensamento e também estilo de aprendizagem, e como se forma a personalidade através da escritura, o cinema ajuda a externalização deste mecanismo. Então, uso sempre paralelamente a escritura e o cinema, porque imagens cinematográficas e imagens escritas têm em comum a possibilidade de serem [uma] representação de si, e então serem também passíveis de mudanças, nunca fixas. Na realidade, para mim, a utilização do cinema não significa interpretar um filme como um dado completo e terminado na intenção narrativa do diretor, mas dar possibilidade ao espectador de se dar conta do próprio papel de decifrador das imagens. No aspecto formativo, isso significa restituir às pessoas em formação a própria atividade de participação e protagonismo na aprendizagem. Não é uma recepção passiva, como se estivesse diante de um espetáculo que se está só vendo, ainda que em um espetáculo não se é nunca passivo, mas [há] interpretação, leitura e participação muito relacionadas ao evento. Creio muito que o momento formativo é um evento que se constrói na relação com as imagens. Então, tenho procurado desenvolver metodologias de pesquisa e didática voltadas a mostrar esse mecanismo.

**Sílvia** - Tu falavas há pouco que o cinema e a escritura autobiográfica podem revelar como é construída a personalidade. Posso considerar personalidade como sinônimo de identidade?

**Emanuela** - Sim, se entendemos identidade não como um conceito imutável. Personalidade ou identidade não são sempre idênticas, mas são processos em construção continuamente. Então, a personalidade ou identidade que se expressam seja na relação com o cinema ou com a escritura, estão sempre em relação com o gesto que se está produzindo. Então, a cada vez, também a personalidade que se está descrevendo muda. Muda porque estamos utilizando um meio, e o meio é por si só um tradutor de nossa intenção de expressão. Por isso, é comunicativo e, então, se também a nossa intencionalidade de expressão tem certa clareza, não quer dizer que o espectador entende exatamente o que queremos dizer. Em cada caso, o meio expressivo, seja da escritura ou da imagem, está sujeito ao tempo, assim como nós estamos sujeitos ao tempo, e então há mudança. O mesmo texto que apenas acabei de escrever já não é a imagem exata do EU que realmente estava escrevendo, mas se distancia de mim porque já é outro de mim. Então, torna-se uma possibilidade objetiva de confronto, de conhecimento de mim, mas não de adesão a aquilo que eu sou. Então a formação da personalidade é um processo continuamente em desenvolvimento.

**Sílvia** - Há uma crítica à autobiografia, em relação à ideia de essência que se pode revelar na escritura autobiográfica, algo que se é, mas que apenas não se sabe sobre si mesmo. Em tuas aulas trabalhas com a tragédia “Édipo Rei”. Nessa tragédia há a ideia de descoberta de quem se é “de fato”, mas ainda há pouco falavas de identidade como algo móvel, que não se estabiliza nunca, modifica-se sempre. Como tu fazes essa relação do “Édipo Rei” com a ideia de essência e como vês a crítica à autobiografia pensada em uma perspectiva essencialista?

**Emanuela** - Creio também eu que a autobiografia não serve para revelar uma essência, porque essência em si não tem. Agrada-me muito a escolha da palavra “revelar” porque, seja em português ou em italiano, ela contém um gesto que é repetitivo. Revelar ou desvelar tem possibilidade de descobrir, mas também a possibilidade de cobrir novamente. O gesto de descoberta de si não é definitivo e a essência não se alcança, porque não tem essência, mas tem a possibilidade de encontrar um caráter. O caráter é qualquer coisa que se constrói. A referência a Édipo é muito interessante. Estou lendo Édipo em sala, no curso deste ano. Édipo não encontra sua essência, por não haver nenhuma, e é punido porque se distancia do próprio destino, do próprio fato, sobretudo porque quer escapar/fugir àquele fato. E quer escapar não se fazendo questões, ou ao menos não se fazendo as questões que deveria por se prender à primeira aparência, prende-se à primeira profecia de um deus que parece lhe mostrar sua identidade, não faz uma pergunta sucessiva. De fato, Sófocles faz com que Édipo se aproxime ao final da tragédia, mas o salva sucessivamente em *Édipo em Colono*. Porque de fato o

pecado, se é que de pecado se pode falar em termos pré-cristãos, o pecado de Édipo foi a arrogância, o desconhecimento da própria filiação, da própria identidade, e de não saber ver aquilo que está próximo, de não fazer uma busca de si. Porque para Édipo, de fato, haviam dito que ele mataria seu próprio pai, mas ele não perguntou para si próprio quem era verdadeiramente seu pai, não interrogou a si mesmo e, sobretudo, estacionou em opiniões que os outros tinham sobre ele. Então, eu utilizei essa tragédia em sala em um curso que investiga a possibilidade de transitar da invisibilidade à visibilidade através da escrita e do cinema, para fazer compreender o que é a cegueira. A cegueira é a oclusão dos olhos quando não são exercitados a ver a ligação entre as coisas, a ver os esquemas que existem entre as coisas. Estou convencida de que o que liga os eventos é sempre um saber do tipo narrativo. Édipo foi considerado o presságio do homem, [isto é], a pessoa que visivelmente poderia resolver o enigma porque sabia ver, a visão coletiva ou a visão metafórica como, por exemplo, o enigma da esfinge. Então, ele tinha um saber metafórico, mas não tinha um saber narrativo sobre a própria existência, não sabia 'juntar peças'. Parece que para todos é evidente a verdade, [principalmente] para o público que se torna onisciente, mas para ele não. É por isso que o gesto final é aquele de cegar-se de privar-se da vista, sobretudo porque a visão, em âmbito grego antigo, representava o veículo do conhecimento e da consciência intelectual.

**Sílvia** - Nos teus livros tu discutes a ideia de narrativa, de autobiografia como montagem. Qual a implicação desta ideia, de que contar-se, recontar-se é uma montagem para a compreensão da formação?

**Emanuela** - Para escrever autobiografia não basta escrever as próprias recordações. Precisa compô-las. Compor significa também selecionar, decidir que coisas inserir, que coisas excluir. Então, a memória autobiográfica tem sempre que se fazer como um suposto. A autobiografia permite apaziguar-se com as recordações que não queremos voltar atrás ou resolver. Deste modo, para alguns pode ser considerada também terapêutica, neste sentido. Não basta contar episodicamente pedaços da própria vida para escrever autobiografia, [em vez] disso, é necessário encontrar uma ordem narrativa, encontrar um sentido, uma direção. Sentido e direção, em termos fenomenológicos, são intencionalidades, uma direção de sentido. Pensar a própria escrita como montagem significa saber visualizar a ordem que a própria vida teve. Então, por exemplo, individualizar a recursividade que se não se contasse a própria vida de modo intencionado não se veria nunca. Contar episódios singulares não permite vê-los juntos.

**Sílvia** - Tu fizeste uma discussão durante teu curso sobre dois conceitos: *formação altamente finalizada* e *formação baixamente finalizada*. Para isso, destes exemplos de alguns filmes que trabalham nessas perspectivas. No que consistem essas formações? Qual a produtividade de se pensar nelas? Qual a que preferes?

**Emanuela** - Respondo do final. Prefiro a formação baixamente finalizada, porque me permite elaborar na relação em sala e, sobretudo, colocar-me também em campo, então eu participo da formação diversamente. A diferença de uma formação altamente finalizada de uma baixamente finalizada, mediante a utilização do vídeo, pressupõe que o formador, que escolhe a primeira, já tem em mente qual é a sua intenção didática e quais são seus objetos e objetivos. Então, é muito condicionante a respeito dos valores projetivo e identificativo das pessoas que estão em sala. Fazer uma formação altamente finalizada significa, por exemplo, escolher uma parte de um filme e endereçar a atenção dos participantes àquele em particular. A formação altamente finalizada, normalmente, declara quais são os objetivos didáticos. Então há uma expectativa e também uma ânsia de realização que se cria nos participantes. A formação baixamente finalizada é do tipo mais metafórico, poético, isto é, pressupõe a apresentação de um filme inteiro e não de um pedaço, de trilhas. O filme normalmente é escolhido pelo seu andamento narrativo e não só pela mensagem que carrega. Isso permite uma identificação dos participantes, não só com os personagens, mas com a trama, com os aspectos de montagem, com as imagens, com os sons e, sobretudo, quando se tem frequentemente alguns tipos de filmes muito lentos, permite observar como nós estamos observando. Então, consente uma reflexividade maior sobre o processo de aprendizagem visual.

**Sílvia** - O filme que nos inspirou a fazer essa entrevista bilíngue (*Um filme falado*, de Manoel de Oliveira) parece dizer que, metaforicamente, é possível se comunicar em “Babel”. Tu consideras que o cinema é essa linguagem universal, que as pessoas podem se comunicar a partir de seu lugar, falando sua própria língua?

**Emanuela** - Não penso que o cinema é simplesmente uma língua universal. Se fosse uma língua universal diria a todos a mesma coisa. É uma língua comunicável, isso significa que põe em relação diversas linguagens e diversos códigos. A escolha de fazer essa entrevista bilíngue em adesão ao filme da Manoel de Oliveira é também pela sugestão que o filme dá da possibilidade de intercambiar a própria paternidade identitária, segundo a forma (língua) que nos expressamos. O cinema permite isso, confrontar-se com o nosso mundo, contar partindo de um terreno comum, e o terreno comum é aquele

das imagens, que, porém, não são designativas, não são biunivocamente correspondentes a uma só mensagem, mas abrem uma possibilidade de intercâmbio e de convivência.

**Sílvia** - Como tu pensas que autobiografia e cinema produzem formação? Como essas duas coisas se relacionam provocando formação?

**Emanuela** - Um pouco, como eu dizia no início. Autobiografia e cinema produzem formação porque permitem olhar-se, estabelecer um objeto externo, mais maleável, mais manejável com que [se pode] mensurar a si próprio, e mais: sendo externo podemos criticá-lo, podemos vê-lo, podemos quase considerá-lo um “outro de nós”. Escrita e cinema se tornam nosso duplo, e como duplo pode ser inquietante, porque se assemelham a nós, mas diferenciam-se um pouco. Somos levados pela formação a experimentar a nossa curiosidade sobre a diversidade; temos a oportunidade, também, de conhecermo-nos pela identidade.

**Sílvia** - Como é essa relação com o duplo? O duplo me provoca a ideia de que há um dentro (um eu que olha) e um fora (um eu que age), como se algo fosse externalizado para poder olhar. Como funciona essa ideia do duplo?

**Emanuela** - Aqui estamos, em termos filosóficos, falando a respeito da essência de um eu. Eu também penso que não há um eu indistinguível, no sentido de que somos continuamente múltiplos e não podemos individuar só um. Porém, o duplo é uma metáfora para compreender o quanto cada vez que nos expressamos nos tornamos outro. Cada vez que nosso pensamento se torna pensamento comunicado ou comunicável se torna outro de nós, torna-se algo que podemos ver. Então, o duplo de que falo é nesse sentido.

**Sílvia** - Como tu trabalhas as noções de realidade, ficção e autobiografia, já que a ideia de autobiografia que trabalhas é a de montagem?

**Emanuela** - Quando inicio um curso de escrita autobiográfica faço duas advertências às pessoas que fazem o curso comigo. Uma é de abandonar a pretensão de descobrirem a si mesmas, e a outra é de abandonarem a ideia de descobrirem a verdade sobre si mesmas. A realidade e a ficção convivem de fato. Tudo é um processo de montagem. A autobiografia não permite descobrir qualquer coisa que há de nós, mas permite construir; é um processo de construção e, então, de formação e autoformação. Agrada-me muito que o termo ficção faça com que se compreenda a escrita, o cinema e a identidade. Porque a palavra ficção exprime tudo o que Horácio queria dizer com esse termo latino, que é fingir,

quando, em *Ars Poetica*, usa pela primeira vez essa palavra para indicar o gesto do escultor, que é “aquilo que plasma na matéria”. Fingir não significa simplesmente mentir. Fingir significa dar forma. Então, o gesto autobiográfico, seja um gesto que se veicule com a imagem ou com a escritura, é qualquer coisa que dá forma à identidade e não algo que a encontra porque já se a tem.

**Sílvia** - Existem algumas abordagens de autobiografia que trabalham na perspectiva terapêutica. Qual teu pensamento sobre isso?

**Emanuela** - É uma tentação aquela de pensar que a autobiografia é uma terapia. De fato muitas pessoas escrevem a própria autobiografia depois que terem falido em um percurso de análise terapêutica. E também é verdade que alguns terapeutas utilizam a escrita como meio para a análise. Creio que a escrita tem uma função terapêutica, mas na medida em que se entende terapia como cuidado de si, como cuidar, tomar conta de seu próprio processo interior e também como modo para compreender como funcionamos quando colocamos a nossa atenção na nossa história. É terapêutico nesse sentido. Não dá a solução claramente.

**Sílvia** - Tu escreveste dois livros<sup>3</sup> em um intervalo de aproximadamente 3 anos. Os dois tratam de autobiografia e cinema. Como essas obras dialogam entre si? O que uma acrescenta ou muda em relação à outra?

**Emanuela** - O primeiro livro sobre cinema era a resposta a uma exigência que havia de fundar um tipo de estudo que ainda não havia. Era estabelecer relações entre aspectos pedagógicos da formação com uma disciplina, aquela do cinema, em que havia um estatuto diverso e que tinha relação com a formação, e que, sobretudo, poderia ser considerada como entretenimento ou diversão. Legitimar o uso do cinema na formação em âmbito pedagógico requereu um esforço teórico de fundamentação muito rígido. No primeiro livro, sente-se muito a necessidade de um fundamento, seja do ponto de vista epistemológico ou teórico, muito sólido. A evolução do meu pensamento e da minha escrita fez com que o outro livro fosse mais fluido, a leitura é mais suave. Dediquei-me mais, não tanto a justificar a ligação entre cinema e formação, a colocar em discussão que coisa significa escrever sobre nós vendo, também, as imagens. Então eu dialoguei com filmes e fiz com que o espectador fosse envolvido, fosse implicado, estabelecesse cumplicidade com a imagem cinematográfica.

**Sílvia** - A busca de uma localização epistemológica clara foi o maior desafio para introduzir a autobiografia como disciplina científica na academia?

**Emanuela** - Sim, foi um desafio. Introduzir o discurso autobiográfico em relação à pedagogia dependeu um esforço menor para se estabelecer porque a autobiografia já era uma modalidade narrativa aceita como literatura. Então, já havia um reconhecimento, já era algo legítimo. O cinema fazia parte de outro mundo. E, quando se relacionava formação e cinema, fazia sempre superficialmente, às vezes indevidamente, sem fazer um trabalho filológico, sem entrar em diálogo com a modalidade linguística do cinema, [com] sua estrutura, sua história. A dificuldade era propriamente esta, ou seja, percorrer a parte disciplinar do cinema e a parte disciplinar da formação, relacionando-as.

**Sílvia** - Ainda hoje encontras resistências quanto a esse tipo de abordagem? Ainda provoca surpresa? Onde?

**Emanuela** - Não, agora muito menos. Há alguns que ainda querem distância. Na instituição provoca mais surpresa.

**Sílvia** - No teu livro *Um cinema falado* há uma frase que diz “o cinema é o lugar onde é possível enunciar sem exhibir, o silêncio deixa espaço para a materialidade da narrativa” Tu podes comentar essa frase?

**Emanuela** - Creio que o cinema não é só um meio, tem que ser verdadeiramente um ambiente, que pode ser habitado e freqüentado, e, como ambiente, é possível que nós estejamos [nele] e convivamos com este ambiente, sejamos condicionados e condicionemos, exprimindo-nos. A citação “enunciar sem exhibir”, sem necessariamente mostrar, mas colhendo a expressividade como uma possibilidade de si. Porque exprimir-se se torna uma coisa possível e não óbvia, então o gesto de exprimir-se dialoga com o silêncio, dialoga com sua negação, entra em campo o tema da responsabilidade. Quando eu expresso a mim mesmo, eu estou negando o silêncio precedente. Então, estou afirmado alguma coisa. Em minha afirmação, ocupo um espaço que pode ser de escrita ou de imagem. Isto é, digo eu, é o primeiro gesto da autobiografia.

**Sílvia** - Com quais autores dialogas para fazer a discussão sobre autobiografia e cinema?

**Emanuela** - Inicialmente eu dialoguei com os mais famosos teóricos do cinema e com os diretores ocupados de montagem: Eisenstein, psicólogos cognitivistas que se ocuparam do cinema, não aderindo sempre às suas ideias, mas procurando problematizá-las. Daqueles eu passei para a minha formação de base que é fenomenológica. Então, da fenomenologia ao existencialismo, Husserl,



Heidegger, MerleauPonty, mas no aspecto produtivo, poético e poiético, seguramente, Maria Zambrano, não esquecendo a minha formação com Duccio Demetrio, a respeito da autobiografia.

**Sílvia** - Em princípio parece quase impossível pensar a pesquisa autobiográfica com a sustentação do pensamento de Michel Foucault. Porque ele se ocupou de desfazer ou despedaçar, como ele mesmo diz, a noção de identidade, de sujeito como essência a que se possa referir uma autobiografia. A propósito disso, tem uma frase dele no *Arqueologia do Saber* que considero emblemática: “Não me pergunte quem eu sou e não me peça para permanecer o mesmo”. Como tu vês essa proposição dentro da autobiografia?

**Emanuela** - Essa frase de Foucault pressupõe um TU, pressupõe a existência de uma pessoa que faz um questionamento. Se considerarmos que a escrita é um tu, a escrita pode perguntar-te quem és, mas enquanto digo quem sou, estou, também, negando, porque subitamente já não sou mais a mesma coisa que estou afirmando, e de fato essa é a segunda parte da frase de Foucault “Não me peça para permanecer o mesmo”. Tem uma frase de Pessoa que diz que [ele] não se reconhece naquilo que escreveu e, ao contrário, pergunta: “fui eu aquele que escreveu? Volta a escrever”<sup>4</sup>, porque é impossível, depois que a caneta põe um ponto, que eu possa reencontrar exatamente a pessoa que estava escrevendo antes. Então compartilho a frase de Foucault e penso que a identidade é alguma coisa que se encontra na sua perda.

**Sílvia** - Muito Obrigada, Emanuela, pela bela entrevista. Tu gostarias de acrescentar algo ao que já foi dito?

**Emanuela** - Não, apenas agradecer a oportunidade de falar ao povo brasileiro que eu tanto gosto.

---

<sup>1</sup> Professora do IENCI/UFGA.

<sup>2</sup> *Erasmus Mundus* é o maior Programa de cooperação e mobilidade acadêmica mantido pela União Europeia, cujo objetivo é reforçar a qualidade do Ensino Superior das instituições europeias nos níveis de graduação, mestrado e doutorado.

<sup>3</sup> Os livros são: "Pedagogia e narrazione cinematografica: metafore del pensiero e della formazione", publicado em 2006 e "Un Cinema Parlato: trame per una pedagogia della narrazione con gli occhi di un'altra lingua", publicado em 2009.

<sup>4</sup> O poema mencionado é: NÃO SEI QUANTAS ALMAS TENHO

Não sei quantas almas tenho. Cada momento mudei.

Continuamente me estranho.

Nunca me vi nem acabei.

De tanto ser, só tenho alma.

Quem tem alma não tem calma.

Quem vê é só o que vê,

Quem sente não é quem é,

Atento ao que sou e vejo,

Torno-me eles e não eu.

Cada meu sonho ou desejo

É do que nasce e não meu.

Sou minha própria paisagem;

Assisto à minha passagem,

Diverso, móbil e só,

Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo

Como páginas, meu ser.

O que segue não prevendo,

O que passou a esquecer.

Noto à margem do que li

O que julguei que senti.

Releio e digo: "Fui eu?"